



A DEMOCRACIA CASTIGADA. BRASIL, MOSTRA A TUA CARA...

Zélia Lopes da Silva*

Univ. Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

zelia.lopes@terra.com.br

RESUMO: Os problemas atuais da sociedade brasileira contemporânea carregam incertezas e dificuldades para seu entendimento. Entretanto, é fundamental o esforço para sua compreensão. Este texto, portanto, abordará questões atuais da política brasileira, com recuo ao golpe de 2016 que evidencia crescente despolitização de parte significativa de sua população. A proposta é delinear as características desse processo que atingiu o país e tem provocado intranquilidade aos brasileiros que desejam convívio social civilizado e menos desigualdade entre eles. Para essas reflexões, usaremos as fontes que foram produzidas pelos jornalistas independentes, pelos caricaturistas e pelos próprios protagonistas envolvidos nos acontecimentos, muitas delas de ampla circulação na internet.

PALAVRAS-CHAVE: Política e Caricatura, Democracia castigada, Golpe, Despolitização.

THE FLOGGED DEMOCRACY. BRAZIL, SHOW YOUR FACE...

ABSTRACT: The current problems of the contemporary Brazilian society carry uncertainties and difficulties to their understanding. However, efforts to understand them are fundamental. This text, therefore, will address current issues of Brazilian politics, with a retreat to the 2016 coup that shows increasing depoliticization of a significant part of its population. The proposal is to outline the characteristics of this process that has begotten an impact on the country and has caused uneasiness to Brazilians who want civilized social interaction and less inequality among them. For these reflections, we will use the sources that were produced by independent journalists, caricaturists and the protagonists themselves involved in the events, many of them with wide circulation on the internet.

KEYWORDS: Politics and Caricature, Flogged Democracy, Coup, Depoliticization.

INTRODUÇÃO

* Possui graduação em História pela Universidade de Brasília (1975), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1982), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1992) e livre docência em História do Brasil (2004) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com tese sobre carnaval em São Paulo. Professora adjunta da UNESP. Lecionou no Departamento de História até 31 de outubro de 2014. Continua vinculada a Pós-Graduação da mesma Universidade. Dirigiu, de novembro de 2011 a novembro de 2014, o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa - CEDAP, da UNESP campus de Assis.

(...)
Brasil, mostra a tua cara
Quero ver quem paga pra gente
ficar assim
Brasil, qual é teu negócio
O nome do teu sócio
Confia em mim.
(...)
Cazuza

Pensar a sociedade brasileira na conjuntura atual tem suas complicações e incertezas. Recuar ao golpe de 2016 traz alguns aspectos importantes para demarcar certas características desse processo que atingiu a sociedade brasileira como um todo¹. As universidades (assunto que não será abordado neste texto) não ficaram incólumes e também sofreram a ingerência do que se passou a sua volta, notadamente as mazelas decorrentes da crescente despolitização da sociedade brasileira contemporânea.

Essa perspectiva de uma educação alienada (que felizmente não atinge todos os espaços do país) vem interferindo na formação da maioria dos brasileiros, que acabou por produzir esse sujeito avesso à política e voltado à satisfação de seus desejos individuais, como analisaram ainda, no final da década de 50 os teóricos da escola de Frankfurt, a filósofa H. Arendt, entre outros.

Esse processo está em curso no Brasil, de forma acelerada, desde a década de 50 do século passado, como desvendaram alguns estudos contemporâneos sobre imprensa e cultura de massa. Cito, por exemplo, a pesquisa de Anna Cristina Figueiredo, que traz alguns elementos para pensar o assunto. Apoiando-se em alguns dos teóricos citados (e também outros atinentes à área de publicidade que enfocam o assunto), a autora discutiu as mudanças de sentidos do conceito de liberdade, ocorridas na conjuntura, em seu livro, *Liberdade é uma calça Azul e desbotada – Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964)*, que tornaram possível o golpe civil-militar destituindo João Goulart das funções de governo. Figueiredo detectou as alterações da sociedade brasileira manifestas, nos diferentes

¹ Este texto foi elaborado em dois momentos distintos: No primeiro momento, foi escrito com o golpe em andamento, e, na atualidade, quando ele foi consumado e legitimado por eleições fraudulentas, e sacramentado pela Justiça Eleitoral que não investigou as *fake news* que foram acionadas para arrebanhar eleitores que se identificavam com as questões retrógradas do candidato de direita e suas propostas violentas, expressas durante a campanha eleitoral.

comportamentos assumidos naquele processo, por certos protagonistas — e seus meios de comunicação — que invertem os sentidos e a ideia de liberdade, adequando-os aos valores defendidos por parcelas da população, para a nova estruturação do país, quais sejam:

“A valorização do lazer em detrimento do trabalho, a exaltação da juventude, a “coação” à felicidade, o hedonismo, a ênfase da personalidade e da esfera privada dos indivíduos, a utilização do critério de *status* para diferenciá-los no lugar do critério de classe, a fetichização da mercadoria levada a seu ponto extremo, o intercâmbio de significados entre os objetos e o uso deles para mediar as relações humanas, a subversão da noção de poupança, a compulsão ao consumo, tudo isso expandiu-se velozmente, de 1954 a 1964” (FIGUEIREDO, 1998, p. 114).

O trecho acima citado sintetiza algo em curso que permitiu engendrar, a curto prazo, outro aspecto que recentemente vem sendo explorado pelos teóricos, que é o culto narcísico, detectado em sua gênese, naquelas décadas, nas reflexões de vários autores, que vão dos teóricos da Escola de Frankfurt, aos contemporâneos. Por exemplo, as reflexões daqueles teóricos prolongaram-se em Hannah Arendt, no livro *Entre o passado e o futuro* (ARENDR, 1954). Arendt explorou as crises na educação, na cultura e na política, escancaradas nas rebeliões de maio de 1968, na França.

No entendimento da autora, a polarização não era entre “cultura” e “cultura de massas”. O fato dos produtores de objetos de arte, dentre eles os artistas modernos, demonstrarem hostilidade contra a sociedade, indica que existia um antagonismo entre a sociedade e cultura anterior ao ascenso da sociedade de massas. Esse libelo do artista contra a sociedade, sintetizado pela palavra “filisteísmo”, atravessou gerações no combate à postura contra a mentalidade que julgava as coisas em termos de utilidade imediata e de valores materiais. O filisteu não tinha consideração por objetos e ocupações inúteis como os implícitos na cultura e na arte. Ou seja, o combate ao filisteísmo inculto e vulgar, aconteceu quando a sociedade começou a monopolizar a “cultura” em função de seus objetivos próprios, tais como posição social e status (ARENDR, 1954, p. 253/54).

A autora esclarece que essa questão é anterior a sociedade de massas e está diretamente relacionada à forma de apropriação dos bens culturais pelos segmentos ditos cultos da sociedade, para fins de status. Sugere que a principal diferença entre a sociedade e a sociedade de massas, é que a sociedade sente necessidade de cultura,

valoriza e desvaloriza objetos culturais ao transformá-los em mercadorias e usa e abusa deles em proveito de seus fins mesquinhos. A “sociedade de massas, ao contrário, não precisa de cultura, mas de diversão, e os produtos oferecidos pela indústria de diversões são, com efeito, consumidos pela sociedade, exatamente como quaisquer bens de consumo” (ARENDDT, 1954, p. 257).

Na década de 1980 esse debate foi retomado por Christopher Lasch, no livro *O Mínimo Eu* (LASCH,1986) no qual o autor examinou as alterações ocorridas na cultura, na política, na família, na educação, apontando que elas eram indicativas da afirmação de uma sociedade e sua cultura de consumo.

Seguindo essa trilha, Françoise Choay (2001) ao discutir os sentidos atribuídos ao patrimônio cultural, refletiu sobre os seus desdobramentos na cultura (e no seu âmbito, sobre o patrimônio cultural), mostrando que vivemos numa sociedade do espetáculo que trouxe junto o culto narcísico expresso na exaltação da juventude, na “coação” à felicidade, no hedonismo, na ênfase à personalidade e na esfera privada dos indivíduos. Tal culto na atualidade está potencializado, numa versão bastante degradada.

Com outro registro, esse indivíduo-massa (seja ele homem ou mulher) e seu culto narcísico apareceu contemporaneamente no país, nas manifestações de rua para derrubar a Presidenta Dilma Rousseff. Sem propostas específicas, além do difuso “combate à corrupção”, multidões — destilando o discurso do ódio e preconceitos de todo tipo —apareceram em cena, arrebanhadas pelas elites econômicas e políticas do país. Mais uma vez apelaram para valores negativos disseminados no social (sobre os pobres e os programas sociais destinados a eles) dando espaço às suas “pulsões desejanter”, independentemente das idades, apoiados em certos símbolos que foram enfeixados no culto ao “[verde]-amarelo”.

Esse alinhamento (ao verde-amarelismo) já foi analisado em outro contexto por Marilena Chauí (2001), no livro *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. Tal simbologia assumiu o papel de um verdadeiro *semióforo*, conforme analisou Chauí, apoiada em Pomian (1984), ao articular o visível (a bandeira e suas cores) ao invisível (o nacionalismo ou amor à pátria), permitindo, assim, a sonhada coesão social, fosse ela momentânea ou mais duradoura.

Assim, o uso dessa simbologia nos atos de protestos, que entrelaçaram o amarelo (e o branco) da bandeira brasileira com as roupas e o pato da Fiesp, igualmente

amarelo, visava atingir corações e mentes, identificando, por extensão, os “verdadeiros cidadãos brasileiros” supostamente enganados no processo eleitoral. Era a “pátria de chuteiras” em ação, pensavam os canarinhos e sua camisa amarela, a da seleção brasileira, outro símbolo, aparentemente poderoso, para essa pretensa identidade, mito que logo caiu por terra, em função das negociatas da FIFA/CBF, descobertas nos Estados Unidos da América.

Independentemente desses episódios, esses símbolos serviram de suportes à ideia de pertença ao país, em oposição aos “vermelhos comunistas”, ou “petralhas”, classificados como os não brasileiros que deveriam ser banidos para Cuba, juntamente com o seu partido de “corruptos e bandidos: o Partido dos Trabalhadores”. Tal ameaça de expurgo também foi extensivo aos demais partidos de esquerda, aos movimentos sociais e a quem se arvorasse em usar vermelho, não escapando nem os animais e os bebês, cujas mães desavisadas usaram a referida cor.

PARA ALÉM DA GUERRA DAS PALAVRAS

O embate ideológico feroz movimentou duas esferas: as “grandes mídias” (escrita e televisiva), a exemplo dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, e revistas *Isto É*, *Veja*, etc. e os principais canais de televisão *TV Globo*, *SBT*, *TV Cultura*, *Band*, *TV Record*. Essas mídias, com suas versões seletivas, omissas e panfletárias, fizeram coberturas espetaculares desses eventos. O objetivo desses conglomerados era sustentar e garantir a legitimidade do golpe, colocando-se como extensão da “Lava Jato”, com sua polícia política (Polícia Federal) e seu juiz justiceiro, de um lado, e a internet, do outro, que passou a ser a real esfera pública que se constituiu em contraponto a tais discursos.

Na internet, o eixo do embate foi conduzido pela imprensa alternativa a partir dos blogs dos jornalistas independentes², do país e do exterior, como BBC Brasil e o jornalista independente Glenn Greenwald que, na ocasião, foi intimidado pelo governo ilegítimo, com ameaça de expulsão do país. Esses jornalistas livres, brasileiros e estrangeiros, criaram os seus blogs, como Luís Nassif, Paulo Henrique Amorim, Esmael Moraes, entre outros, em oposição à imprensa do *establishment*, por não terem espaço

² Os blogs são muitos: Jornalistas Livres, Paulo Nogueira, Paulo Henrique Amorim, Blog de Luis Nassif, Blog de Esmael Morais (PR), Midia Ninja, Blog Dilma Rousseff, Quebrando Tabu, Gleisi Hoffmann, Lindbergh Farias, Instituto Lula, do PT, etc.

para suas reflexões naqueles jornais e revistas. E, também, pelas mídias eletrônicas da oposição, a exemplo do Partido dos Trabalhadores - PT e do PCdoB e de suas lideranças de maior visibilidade, tais como, na época, o Senador pelo Rio de Janeiro Lindbergh Farias, a então senadora do Paraná Gleisi Hoffmann, o Senador de Pernambuco Humberto Costa, e deputados comprometidos com a ordem democrática, como Jandira Feghali, Maria do Rosário, entre outros.

Esses blogs da internet passaram a ser lidos e apoiados pelo cidadão comum politizado e celebridades (artistas renomados de várias áreas: teatro, cinema, música, etc.), intelectuais e cientistas que se posicionaram, de forma enfática, sobre todo aquele processo. Mesmo assim, foram perseguidos, obrigando-os a recorrer a plataformas alternativas, fora do país, para situar os seus jornais eletrônicos e TVs digitais.

Os “blogueiros” passaram a pautar o debate, obrigando a grande imprensa, escrita e eletrônica, a veicular temas debatidos naquele espaço, por diferentes protagonistas, que passaram a desmontar as versões fantasiosas dessa “grande mídia”, também conhecida como PIG (partido da imprensa golpista), e suas manchetes de reafirmação da cultura do espetáculo direcionada aos bestializados de todos os quadrantes.

O cidadão comum, politizado, desorientado diuturnamente pela avalanche de propaganda disseminada pelas “mídias oficiais” (escrita e televisiva) demorou a posicionar-se sobre esse processo. Contudo, a cada dia ficou mais evidente o golpe em curso que se consumou como se fosse um ato da mais perfeita legalidade, com o aval do Judiciário.

Consumado o golpe, ficou para os Sindicatos (essas entidades abstratas, sempre motivos de recorrentes hostilidades) se posicionarem sobre esses assuntos, como se essas questões não interessassem aos seus cidadãos e eles próprios não fizessem parte desse país que, a cada dia, perfilou o perfil de terra arrasada, tal a destruição de políticas públicas voltadas para áreas sensíveis, de combate à exclusão.³

³ A quantidade de pessoas em situação de rua é bem o exemplo dessa destruição.



Figura 1 – Angeli. Fonte: Internet. Acesso em 16/11/2018

Os caricaturistas tematizaram o empobrecimento da população e a ampliação dos sem tetos nos grandes centros urbanos. Angeli foi um deles ao situar o homem enrolado em um pedaço da bandeira brasileira, os seus poucos pertences dentre os quais o seu cachorro. Essa tendência de empobrecimento tem se acelerado com a recorrente ocupação das ruas por inúmeras famílias, notadamente em São Paulo.

No campo político, cotidianamente apareceram as pautas bombas: a reforma do ensino médio, sem discussão, com a exclusão de parte das ciências humanas do currículo; a falácia da escola sem partido; a ameaça de perda das aposentadorias integrais do funcionalismo; a cassação do direito de greve desse mesmo funcionalismo; o desmanche do Sistema Único de Saúde - SUS em curso, que será acelerado com a aprovação da PEC 241/55⁴ (também alcunhada de PEC do “fim do mundo”, da “Maldade”, PEC da “Morte”⁵) e da entrega do Pré-sal para as multinacionais.

⁴ No site do Senado, em novembro de 2016, foi disponibilizado a Consulta Pública sobre a PEC 55, número recebido nesta casa, a PEC 241 aprovada na Câmara. O objetivo da PEC é desvincular da Constituição a exigência de percentuais mínimos de investimentos nos serviços públicos, congelando os valores por 20 anos (apenas corrigindo-os pela inflação do ano anterior). Os efeitos catastróficos desta medida, certamente, não tardarão a chegar às universidades estaduais paulistas, que já sobrevivem a duras penas com os recursos vinculados ao ICMS (9,57%).

⁵ PEC da Morte foi assim nomeada por Ronald dos Santos, Presidente do Conselho Nacional de Saúde, em entrevista ao blog Conversa Afiada, dada a Paulo Henrique Amorim, a reforma que tramita no Senado sob o número 55 (era 245 na Câmara). Ele avalia essa proposta para a área da Saúde, e chama a atenção que ela significa a destruição do SUS, um retrocesso de décadas. Observa que 150 milhões de brasileiros dependem exclusivamente do SUS. Observa ainda que ele já se encontra na UTI, mesmo assim também atende os duzentos milhões de brasileiros, nas campanhas de vacinação, na Farmácia Popular, nas UPAS, nos transplantes, UTIs, etc. Até 2036 (20 anos) serão retirados 438



Figura 2 – Vasqs. **Fonte:** Internet. Acesso em 16/11/2018

Tomemos como exemplo, a ideologização da “escola sem partido”, assunto que ganhou destaque entre os artistas do traço. Vasqs, a partir de um cenário bastante didático, acionou os protagonistas (professor e alunos) com seus uniformes nas cores verde-amarelo, para expressar a polarização existente e o nacionalismo em voga. O cartunista usou no cenário e desenho, predominantemente, as cores da bandeira brasileira: verde, amarelo, azul e branco para fundamentar essa guerra da palavra considerando que a menção ao vermelho estava proibida, até mesmo para ensinar matérias que obrigatoriamente teriam que evidenciar tal cor, como no exemplo assinalado na referida aula.

A polarização política atingiu vários segmentos sociais e, em muitos casos, traduziu-se na perseguição aos movimentos sociais e aos jornalistas livres — a mídia alternativa, situação denunciada por Paulo Henrique Amorim, um dos atingidos. Esses jornalistas independentes passaram a sofrer processos coletivos da Polícia Federal e de membros do Judiciário para fazê-los calar de vez e, com eles, qualquer voz de oposição.

As elites, com seu pensamento unívoco, que ocuparam à força o aparelho do Estado, com o beneplácito do Judiciário [e das Forças Armadas], tentaram obstruir as informações sobre o que se passava no país. Ao assistirmos os jornais da TV aberta, tínhamos a impressão de que estamos no melhor dos países. Esses grupos midiáticos

privados que controlavam a informação escrita — *O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, Época, Isto É, Veja* — e televisiva do país — BAND, SBT, GLOBO, TV CULTURA, RECORD —, expuseram ao “cidadão de segunda classe” (quase todos nós) suas versões parciais e distorcidas dessas “mudanças necessárias”.

Vale dizer que a maior parte da população ou “povo não político” (o bestializado contemporâneo) estava muito distante do “bestializado” que Aristides Lobo referiu-se ao tentar qualificar os sublevados da revolta da vacina no século XX, no início da República. José Murilo de Carvalho (1987), em vez de bestializados, preferiu chamá-los de “bilontras”, que espertamente se insurgiram contra o autoritarismo dos senhores da nova República, fazendo barricadas nas ruas do Rio de Janeiro contra “as demolições” das “cabeças de porco” (suas moradias), no processo de implementação da conservadora reforma urbana, mais conhecida como “bota abaixo”, e contra a vacina obrigatória na marra.

Hoje, aqueles que aderiram a essa onda conservadora parece que “almejam apenas consumir” em paz, mas sob a benção evangélica. Com sua alienação reforçaram o que há de pior neste país, elegendo candidatos evangélicos pelo Brasil afora. As consequências se apresentam devastadoras para a “res pública” que ficou enfraquecida em sua laicidade. Nesse sentido, estamos caminhando para o domínio dos fundamentalistas evangélicos e seus valores retrógrafos e espoliadores, que se utilizaram da “ambição” (e medo) dos fiéis como meio de aproximação e aliciamento dessas almas atormentadas, que abrigam corpos ambiciosos e mentes ignorantes. Tudo em nome de Jesus. O preço que todos iremos pagar ainda não foi totalmente dimensionado.

A LEGITIMAÇÃO DO GOLPE E OS TONS DA DEBACLE

Passados dois anos, a tragédia se consumou com a eleição fraudulenta do atual Presidente Jair Bolsonaro que deu continuidade ao golpe. A sua eleição foi recebida pelo mundo afora com desconfiança e rapidamente qualificada por sua ideologia de direita, neofascista. As charges saíram de vários países e foram contundentes a respeito. Duas delas, produzidas no ato contínuo, não deixaram dúvida sobre tal escolha, a partir do voto. A primeira, vinda de Portugal, expôs uma urna com a bandeira brasileira e o voto cujo papel de cor verde, com bordas brancas, tinha o formato do logo do *watsapp*, a indicar o seu peso decisório nas eleições. No centro do voto, a ser colocado na urna,

estava desenhado a suástica. As mãos dos votantes desvelaram as cores de suas peles: parda e branca, embora esta última esteja parcialmente camuflada.

Nessa atitude simbólica, o chargista deixou claro a opção desse eleitor que se sentiu motivado para escolher o candidato que expressava em seu discurso, explícito, o elogio à violência e a defesa de preceitos morais retrógados, voltados à sexualidade. A indução seria o combate a bandidagem, aparecendo nas propagandas, com o porte de uma arma na mão e a Bíblia na outra. O slogan era fazer com as mãos o desenho de um tiro. Os seus eleitores repetiam o sinal, em qualquer lugar, até mesmo nos templos evangélicos.

O candidato não escondeu os seus valores. O seu principal herói era (e continua sendo) Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil (MOTTA, 2018). Ustra ficou conhecido pela sua crueldade nas torturas e morte dos presos políticos nos anos 1970, notadamente as mulheres, dentre elas as grávidas que foram barbaramente torturadas, independentemente de sua situação (RIDENTI, 2000)

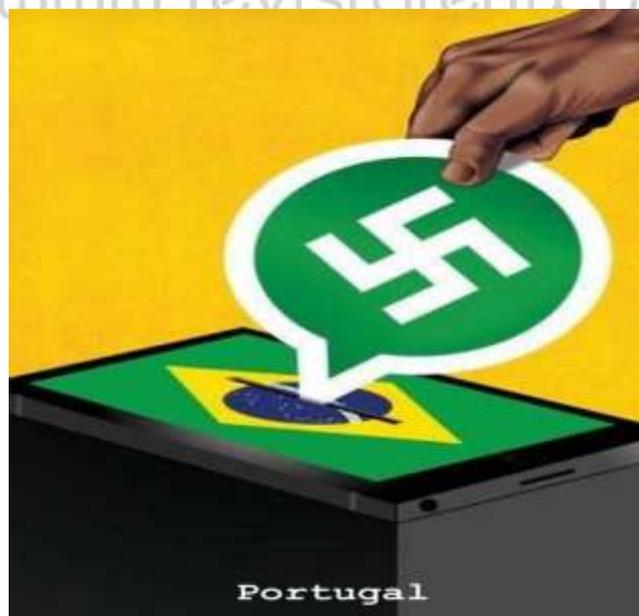


Figura 3 - "Fake News" por Vasco Gargalo. **Fonte:** Cartoon Movement. Disponível em: <https://www.cartoonmovement.com/cartoon/53590>. Acesso em: 07 abr. 2020.

A outra charge, de KamensS, anunciou o final da tragédia que foi a morte, por enforcamento, do eleitor/cidadão brasileiro. A suástica revestiu todas as paredes da sala para não deixar dúvidas sobre os princípios ideológicos que orientaram tal escolha. Ao chão, jaziam a urna, que serviu como suporte para o suicida e, ao lado, o voto em branco. Essa charge avançou muito além do que foi dito por seus símbolos. O mais contundente foi a crítica ao “voto em branco” que teria alterado o resultado dessas eleições, considerando que tal chapa elegeu-se por apenas 1/3 dos votos válidos dos brasileiros.



Figura 4 - "Election in Brasil" de Marian Kamensky. **Fonte:** Marian Kamensky Cartoons. Disponível em: <https://humor-kamensky.sk/>. Acesso em: 07 abr. 2020.

O jornal holandês de Volkskrant, com sede na capital Amsterdã, também publicou uma charge que traz alusão à bandeira brasileira no amarelo do retângulo e, no branco do círculo, sobre o qual foi feita a reprodução da suástica, elaborada com “sandálias havaianas”, para caracterizar o resultado das eleições brasileiras. O artista usou as sandálias, que projetaram o Brasil no mundo, para expressar essa comunhão de sentido desse brasileiro de extrema-direita que nas urnas elegeu o seu candidato, sem considerar os horrores de experiências históricas assemelhadas.



Figura 5 – Bas van der Schot. **Fonte:** Jornal holandês *Volkskrant* - Acesso em 16/11/2018

Se para aqueles eleitores brasileiros que escolheram tal candidato não havia clareza da dimensão do que fora tal resultado eleitoral, para os europeus e o mundo civilizado e democrático, os sentidos de tal opção eram claros. Era só esperar as consequências da infeliz decisão.

Após a posse, agora plenamente “legítima” desse Presidente que se elegeu sem debater o que faria durante os quatro anos de governo, os primeiros atos já anunciavam que seriam dado continuidade às políticas do ilegítimo Presidente Michel Temer. Tais medidas passaram a provocar a maior destruição das políticas públicas e direitos sociais dos brasileiros, atingindo a todos e, de forma cruel, aos mais pobres.

Seguiu-se os sucessivos ataques às instituições, em especial as universidades públicas, espaços capazes de produzir conhecimentos e ciência de ponta, nos diferentes campos de saberes. A asfixia da ciência deu-se pelo corte de verbas e bolsas de pesquisas, em todos os níveis, e também na mudança de seus reitores cujas listas dos mais votados não mais eram respeitadas.

Mas não ficou somente aí. O alinhamento político e a subordinação aos Estados Unidos da América foi mais além e explicitou-se na postura de submissão de agentes públicos brasileiros àquele país, como o juiz Sergio Moro e seus aliados do Judiciário. O caricaturista Jota Camelo rapidamente traduziu em seus traços esse servilismo vil, na charge que traz uma casa com as bandeiras, símbolos dos dois países, e que traduzem a situação de subordinação do Brasil àquele país. Tal casa, na qual a bandeira brasileira serve de capacho da entrada, é da “família Moro”, como indica a placa, borrada, mas visível, do lado esquerdo da porta. Já no oposto foi exibida a

bandeira americana em posição vertical, situação que certamente envergonharia o cidadão brasileiro que ainda expressasse algum brio.



Figura 6 - Jota Camelo (Alberto Villas) – Acesso: 3/12/2018
https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk02q8TXeDCCUifDy8SKPBaaZpL0TmA:1586294438471&q=jota+Camelo&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwivl46kn9foAhWYD7kGHSg0BDEQ7Al6BAgKECE&biw=1920&bih=937#imgsrc=hGE75Ya3yA_wPM

Ao examinarmos a charge, pode-se afirmar, seguindo as reflexões de Wladimir Propp (1992), que não se trata de uma crítica derrisória, sem fundamento, do chargista ao juiz e sua adesão antipatriótica a um país estrangeiro. As notícias cotidianas dos “acordos de cooperação” do judiciário/Lava Jato, com os EUA, são recorrentes indicando que eles ultrapassam as competências dessa instância de poder. O corolário desses procedimentos, amparados no discurso do combate à corrupção, tem-se nas várias condenações de executivos de grandes empreiteiras da área de engenharia pesada, que resultaram no desmantelamento desse setor considerado estratégico à economia nacional.

À medida que o golpe se consuma, essa aderência fica mais visível, agora como política de governo. Na política externa, o Brasil passa a defender pautas adversas, ao apoiar temas retrógados e controversos que desafiam os protocolos legais de neutralidade, antes assumidos pelo Brasil. Essa ruptura manifestou-se na ingerência,

seguindo os EUA, em assuntos polêmicos tais quais o reforço a golpes de estado, como o ocorrido na Bolívia, e alinhamento ao grupo político venezuelano que almeja derrubar Nicolás Maduro das funções de governo. A posição assumida pelo governo brasileiro se traduziu, ainda, na retificação de questões referentes à imigração que violam os direitos humanos e também aos acordos sobre o clima que foram (e são) considerados um retrocesso em relação à política externa brasileira dos períodos anteriores.

O ATAQUE ÀS RIQUEZAS DO PAÍS E AOS DIREITOS SOCIAIS E O “SILÊNCIO” DE SEUS CIDADÃOS

Antes de avançar nessa discussão convém voltar às medidas que ocorreram anteriormente à consumação do golpe, a exemplo da prisão no dia 28 de abril de 2015, no Rio de Janeiro, do cientista e Almirante Othon Luiz Pinheiro da Silva, então presidente da Eletronuclear, pelo Juiz da Lava Jato do Rio de Janeiro, Marcelo Bretas, por orientação do então Juiz Sergio Moro. O Almirante “tinha sob sua responsabilidade a construção do submarino nuclear brasileiro que iria patrulhar as águas territoriais do país para proteger o petróleo do pré-sal” (Brasil247, 10/01/2020). Além disso, o Almirante coordenava todas as políticas públicas desse setor, inclusive os segredos do método original de enriquecimento do urânio que não era de domínio dos EUA. O Almirante foi acusado, falsamente, de receber propina da Andrade Gutierrez e condenado sumariamente a vários anos de prisão.

O resultado desse processo foi a destruição das principais empresas brasileiras da área de engenharia, com inserção internacional, — tais como a Odebrecht, Andrade Gutierrez, OAS, etc. — e da entrega do pré-sal ao colocar à venda, por preços irrisórios, os seus principais campos e plataformas às multinacionais estrangeiras. No final dos pregões, tais reservas passaram a ser das companhias americana, inglesa, dinamarquesa, entre outras.

Tais medidas, iniciadas durante o governo ilegítimo de Michel Temer e continuadas posteriormente com Bolsonaro, desobstruíram os empecilhos para o subsequente ataque à soberania nacional. Os primeiros passos foram a entrega da base de Alcântara, no Maranhão, para os Estados Unidos da América, seguida da entrega dos

segredos atômicos, cuja extensão não foi revelada totalmente, bem como a venda da lucrativa Embraer para a companhia de aviação americana *Boeing*⁶.

Os ataques recorrentes tiveram continuidade com o descrédito da Petrobrás⁷ que perdeu sua capacidade de operar de forma ampliada, pela venda de seu patrimônio, como denuncia Deyvid Bacelar, da Federação Única dos Petroleiros – FUP, à *Carta Capital* em março de 2020, em greve contra “privatização por partes” da Empresa e o fechamento de postos de trabalho, o que tem sido recorrente.

Os mecanismos criminosos iniciais foram usados pela Lava Jato, para obter confissões e prisões, ao arrepio da Constituição Federal. Exemplos marcantes são os casos do Almirante Othon Silva e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pessoas que atrapalhavam a implementação do novo projeto neoliberal.

Os procedimentos acionados pela Lava Jato demoraram a ser desmontados, apesar das denúncias dos advogados do ex-Presidente Lula. Somente com o desvelamento de *The Intercept Brasil* que recebeu documentos de um hacker, a trama urdida pelos agentes públicos integrantes da Lava Jato, englobando juízes de 1ª, 2ª (e 3ª) instâncias, passou a ser exposta. Tais processos viciados resultaram em prisão e condenação do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre outros, com base em depoimentos de delatores.

Mesmo assim, a mística do combate à corrupção, em que pese as revelações feitas pelo *The Intercept Brasil*, sob o comando do jornalista americano Glenn Greenwald, associado a alguns órgãos de imprensa brasileiro, como o jornal *Folha de S. Paulo*, a revista *Veja* (que aparentemente reviram suas posições sobre certos mecanismos usados para perpetrar o golpe de Estado) e também os demais Blogs dos “Jornalistas Livres”, ainda não surtiram mudanças radicais de rumo. A cada matéria ficou claro as motivações das prisões sem provas, como ficou demonstrado nas

⁶ A revista *Carta Capital*, em 11 de março de 2020, traz a matéria *Soberania em risco* que trata do resultado de um recurso do Ministério Público Federal, negado, para que o acordo de compra (fusão), da Embraer pela Boeing fosse analisado pelo plenário do CADE e não apenas a autorização do negócio por uma decisão monocrática do superintendente do órgão, Alexandre Macedo. O texto realça os prejuízos que tal negócio resultou ao país que perde sua soberania nesse campo e tecnologia produzida pela companhia que terá de transferir toda a cadeia comercial e de comando da Embraer para a Boeing, nos EUA. *Carta Capital*, 11 de março de 2020, p.36-37.

⁷ A Federação Única dos Petroleiros – FUP denuncia o contínuo processo de privatizações da empresa, a exemplo da demissão em massa de trabalhadores da Araucária Nitrogenados conhecida pela sigla Ansa, da petroleira. CALCAGNO, Victor. **Primeiro round. Entrevista.** Deyvid Bacelar, da Federação Única dos Petroleiros, faz um balanço da greve e promete manter a mobilização contra a privatização da Petrobrás. *Carta Capital*, 4 de março, 2020, p.26-28.

manipulações nos processos de ex-presidente Lula. E, também, do almirante Othon Silva que, em janeiro de 2020, (Brasil247, 10/01/2020) foi revelado por *The Intercept Brasil*/Veja. Os diálogos revelaram o acerto entre o ex-juiz Moro e integrantes de sua equipe sobre o dia adequado para decretar a prisão do Almirante Othon Silva. Ou seja, a prisão de pessoas que poderiam atrapalhar o andamento de entrega do país aos Estados Unidos da América e demais interessados.

O conluio da Lava Jato liberou o caminho de expropriação do petróleo brasileiro e da soberania nacional, em diferenciados níveis. Embora a trama tenha sido desvendada pelo *The Intercept Brasil*, parte dessa população não tomou conhecimento e continua apoiando Sergio Moro, ex-juiz da Lava Jato e sua equipe de foras da Lei. Ficou claro nesse processo que o objetivo em termos pessoais era ocupar alto cargo público e não fazer justiça, corrigindo os possíveis desvios de dinheiro público. E, em termos mais amplos, atender aos objetivos dos grandes conglomerados estrangeiros que têm interesses nas riquezas do país.

O anacronismo como política de governo, por um lado, tem alcançado todas as áreas que conformam a estrutura do Estado que a cada dia sofre ataque e encolhimento em suas funções. Os cargos do primeiro escalão para os vários órgãos do Estado foram e continuam sendo ocupados por pessoas que não têm a devida qualificação. E, por outro, a continuidade dessa política predadora passou a afetar o patrimônio público que foi colocado à venda e entregue por preços vis às multinacionais estrangeiras, incluindo aí as áreas estratégicas dentre elas o pré-sal, o setor elétrico, as reservas de água potável, etc.

É desolador viver esse total desmanche sem que haja resistência efetiva de parte de sua população que passou a se comportar como se fosse mero expectador e não parte constitutiva do país. Parte desses votantes que sempre estiveram à margem da sociedade e continuam vivendo em condições precárias e em constante ameaça de desemprego em decorrência da crise econômica — com aumento de itens básicos, como: gás de cozinha, cesta básica, perda de bolsa família, etc. —, mesmo assim continua em silêncio. A outra parte mais informada, nem a perda dos direitos trabalhistas mínimos foi suficiente para ampliar as mobilizações contrárias a tais medidas, como ocorreu em outros países.

O fervor dos autoproclamados “verdadeiros brasileiros”, em oposição aos outros que não comungavam com os seus valores retrógados, somente serviu para

derrubar a Presidenta legitimamente eleita. O “ativismo político” dessas pessoas não passou de estratégias dos poderosos que tinham interesses tão somente em seus negócios imediatos. O país, com os seus problemas sociais graves, não estava na pauta dos conspiradores. Tanto é assim que suas ações atingiram as políticas públicas destinadas ao conjunto da população, pobre ou não, que dependiam (e dependem) dos serviços públicos nas áreas da educação, saúde, moradia, entre outras.

Tal alheamento também sucedeu com a entrega do patrimônio do país aos conglomerados estrangeiros. As reações mais contundentes ficaram polarizadas entre os protestos na internet dos setores politizados e, em certos momentos, mobilizações nas ruas, arrebanhados pelos movimentos sociais e partidos de esquerda, sem efeitos sobre tais medidas. Nesse cenário, o PT tornou-se a força política demonizada, enfraquecendo assim as lutas em defesa da soberania nacional e dos direitos políticos e sociais de todos.

Com isso, foram perdidos milhares de empregos, colocando o país e seus jovens em processo de desesperança quanto ao seu futuro.⁸ A pergunta (entre tantas outras que vem à mente é: Por que os cidadãos brasileiros desistiram de lutar por seus próprios destinos?

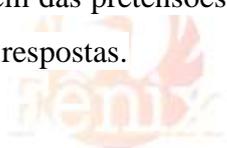
Embora essas reflexões sejam uma aproximação ao assunto, o objetivo foi trazer alguns aspectos percebidos sobre essa contemporaneidade do país, submetido a um governo obscurantista e violento, dirigido por pessoas que, em nome da religião, passaram a defender pautas com a pretensão de reescrever a sua História, mas que estão a serviços de interesses internacionais, mesmo que às custas da soberania do país. E, nessa releitura de seus fundamentos, têm a aspiração de redefinir os seus rumos, os seus heróis e os “pensadores” que se tornaram o constructo e responsáveis pelos legados anteriores.

EPÍLOGO

⁸ Se depender do analista econômico Carlos Drummond, da revista *Carta Capital*, é melhor nem pensar no futuro considerando os seus prognósticos bem fundamentados quanto ao país. Em 18 de dezembro de 2019 ele trouxe na seção **Economia**, a matéria *O Brasil vai de carroça* e no subtítulo ou vinheta, o seguinte: *Tecnologia – A economia nacional afasta-se cada vez mais da revolução industrial 4.0 em curso no planeta* que mostra a defasagem do país em relação à inovação tecnológica de seu parque industrial. Com dados fornecidos por um dos diretores da Fiesp mostra que o país está cada vez mais distante das inovações implementadas pelos países que estão à frente desse processo.

Diante disso, em vez de recuperar aspectos da discussão, trago algumas inquietações que vêm perpassando as reflexões cotidianas de brasileiros conscientes, cujas respostas ainda são uma incógnita. Elas se manifestam por meio de perguntas, mesmo que as respostas não estejam no horizonte. Ou seja: A violência do Estado e a política do ódio que se abateu sobre o país, disseminados pelo governo, por que não causaram o clamor desses “cidadãos do bem”?⁹ Por que se ancorar em tanto egoísmo? A matança dos povos indígenas e a destruição da natureza, por que não tiveram o poder de comover e de indignar a população brasileira como um todo?

Em síntese, a escalada de violências contra as minorias: negros, índios e mulheres, cujas mortes passaram a ser naturalizadas não tiveram a força para mobilizar o conjunto de sua população para reverter a barbárie que se instalou no país. Quais poderiam ser as explicações plausíveis para tal alienação e falta de empatia com a dor do outro? O presentismo que se abateu sobre o país poderia explicar o desprezo pelo passado e o descaso com o futuro, tão presentes nessas atitudes absenteístas dos brasileiros em relação ao legado recebido das gerações anteriores? Essas questões vão além das pretensões desse texto. Mas, não poderia deixar de fazê-las, mesmo não tendo as respostas.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 2ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1979 [Copyright, 1954].
- CALCAGNO, Victor. Primeiro round. Entrevista. Deyvid Bacelar, da Federação Única dos Petroleiros, faz um balanço da greve e promete manter a mobilização contra a privatização da Petrobrás. **Carta Capital**, 4 de março, 2020, p.26-28.
- CARVALHO, José Murilo de Os bestializados. O Rio de Janeiro. **A República que não foi**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP/Estação Liberdade, 2001.

⁹ Às elites não podem ser imputadas desconhecimento da realidade. Essa falta de empatia com a dor do outro e a adesão à barbárie podem ser imputados tão somente ao seu conservadorismo e preconceitos contra os pobres, não brancos, do país e sua ganância imediatista.

DRUMOND, Carlos. O Brasil vai de carroça. **Carta Capital**, 18 de dezembro de 2019, p.42-46.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes – **Liberdade é uma calça Azul e desbotada** – Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954- 1964). São Paulo: Hucitec, 1998.

LASCH, Christopher. **O Mínimo Eu**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 38, nº 79, 2018
<http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472018v38n79-10>.

PRATES, JEAN Paul. Soberania em risco. **Carta Capital**, 11 de março de 2020, p.36-37.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. In: Enciclopédia Einaudi: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. Artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RECEBIDO EM: 17/08/2020

PARECER DADO EM: 27/10/2020